

O MITO DO *KINESIOLOGOS* OU SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CIÊNCIA

Edison de Jesus Manoel

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo

A constituição da Educação Física como ciência é objeto de reflexão do presente ensaio. Optou-se pelo uso de uma linguagem ficcional cuja figura central é o *Kinesiologos*, um entidade divina ocupada em desvendar sua principal criação: o ser humano em movimento. Com o uso da noção de mito se pretendeu, num contraponto à linguagem racional e acadêmica, que a Cinesiologia leva à fragmentação do conhecimento, distanciando-se dos problemas e questões da educação física.

Palavras-chave: educação física, cinesiologia, disciplina acadêmica, profissão.

Introdução

Já faz algum tempo que as discussões da pós-graduação em Educação Física se centram nos indicadores de avaliação. São temas recorrentes: a classificação dos periódicos científicos nos estratos do *Qualis*, o número de pontos para credenciamento de um docente num programa de pós-graduação, a consideração ou desconsideração das especificidades das sub-áreas (biodinâmica, sociocultural e pedagógica) que compõem a área básica (Educação Física). Os programas e os docentes correm para cumprir metas, corrida “sem fim” pois ao se aproximar delas, as mesmas se afastam num fenômeno conhecido sob o jargão “o sarrafo tem que subir” em alusão a prova do Salto em Altura do Atletismo¹. Insistir nessa discussão é poço sem fundo, porque ela está à margem do centro do problema que envolve os interesses políticos na gestão do sistema nacional de pós-graduação e os preconceitos ocultos na constituição da Educação Física como campo de conhecimento. Em relação ao segundo aspecto vale considerar o que ocorreu com a Educação Física nos Estados Unidos. Nesse país o campo tem dois braços, um profissional e outro acadêmico. No braço profissional tem-se a *American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance* (AAHPERD) com mais de 100 anos e cuja missão é “promover e apoiar lideranças, pesquisas, educação e as melhores práticas nas profissões que promovem estilos de vida ativos, saudáveis e criativos”². A *American Academy of Kinesiology and Physical Education* (AAKPE) é o braço acadêmico com a missão de “encorajar e promover o estudo e as aplicações educacionais da arte e ciência do movimento humano e atividade física, além de prestar reconhecimento por meio de eleição daqueles que direta ou indiretamente contribuíram significativamente para o estudo e/ou aplicação da arte e ciência do movimento e atividade física”³. Foi essa instituição que decidiu em 09 de outubro de 2010, em votação na sua reunião anual, mudar o nome da

¹ Cabe lembrar que mesmo nessa prova, as alturas em que o sarrafo é colocado estão sempre de acordo com o nível de habilidade dos competidores e não em total descompasso com sua realidade como geralmente acontece com o “sarrafo” da pós-graduação.

² <http://www.aahperd.org/about/mission.cfm>. Acesso em 2011.

³ <http://www.nationalacademyofkinesiology.org/about-nak/about-nak>. Acesso em 2011.

instituição para *National Academy of Kinesiology* (NAK⁴). A votação seguiu a recomendação de um Comitê *ad hoc* cujo papel era o de re-examinar a missão, estrutura e função da Academia. Esse comitê entendeu que a Educação Física deveria ser incluída como uma área de cunho pedagógico junto a outras áreas (biomecânica, controle motor, psicologia do esporte, sociologia do esporte, etc.) sob a égide da Cinesiologia, recomendando, portanto, a sua eliminação do nome da Academia. No mesmo encontro houve uma série de conferências sob o tema “Estabelecendo a ponte entre a Cinesiologia e a Sociedade” (*Bridging Kinesiology and Society*) nas quais o tema recorrente foi, ironicamente, *Educação Física* (ULRICH, 2011).

Para tratar do movimento que não raro coloca a Educação Física em segundo plano, apresento um ensaio, num formato incomum para a linguagem acadêmica e desconfortável para o *ethos* da academia. Valho-me, primeiro, da noção de mito. Carvalho (2005) diz que os gregos usavam dos mitos para contar “o que existia antes de existir alguma coisa”. Para a autora o pensamento racional, empírico e técnico (base para a linguagem acadêmica) é um contraponto para o pensar por meio de mitos, entretanto, diz ela, ambos como forma de conhecimento não estão em universos separados mas num universo dual. Em síntese, a autora diz que “os mitos revelam o que os seres humanos têm em comum”. Fernando Pessoa recorre ao mito para falar da fundação de Lisboa em poema intitulado *Ulysses* cujo trecho reproduzo aqui:

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo-
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou....(PESSOA, 2010, p. 23)

Em segundo lugar, recorro à sátira como gênero literário. Grande parte deste ensaio foi desenvolvido na forma de conto satírico inspirado em Jonathan Swift (1667-1745), um dos clássicos desse gênero literário. O romance “As viagens de Gulliver”, sua obra mais conhecida, é um exemplo de sátira dos costumes e dos valores do mundo europeu do Séc. XVIII, mais do que isso Swift com suas “Viagens” satiriza o estado monárquico e a filosofia cartesiana no processo de divertir o leitor (cf. Rivero, 2002). É o próprio Swift (2008) quem define que a “sátira é um tipo de óculos, e quem o usa desvela a face de todos menos a sua, motivo principal pelo tipo de recepção que recebe no mundo, e porque tão poucos se sentem ofendidos com isso...” (SWIFT, 2008, p.104). Essa definição aparece no “Prefácio do Autor” do conto “*A full and true account of the Battle fought last Friday, between the Antient and the Modern books in St. James’s Library*” de 1704, talvez o primeiro texto a focar o embate entre as ciências naturais (os modernos) e as humanidades (os antigos). Swift trata desse ao relatar a batalha que se dá numa biblioteca (a *St. James’s Library*) quando de forma inadvertida, o bibliotecário coloca na mesma estante, lado a lado, livros clássicos das Humanidades e da então chamada Ciência Moderna. Ao usar da sátira Swift revela a cada um

⁴ http://www.nationalacademyofkinesiology.org/announcements/AAKPE_announcements/aakpe-becomes-nak-national-academy-of-kinesiology. Acesso em 2011.

de nós a face que temos ao tomarmos partido de um lado ou de outro, uma face mais verdadeira do que a nossa própria face. Nada mais pertinente para ser lembrado na discussão da constituição do campo científico da Educação Física haja vista que nele também se deu e se dá o embate entre as ciências naturais e ciências sociais e humanas. Mas vamos ao conto.

Kinesiologos

Muito se escreveu sobre a educação física como ciência. O que segue seria mais uma tentativa em se falar sobre isso não fosse o relato me ter sido contado por um profeta em 1979 (cá entre nós seu nome era Elizabeth Bressan⁵). Sei que alguns dos meus leitores cientes dessa revelação darão um nobre destino a esse texto, a lixeira do computador ou, se impresso, para lixo reciclável, destino ainda mais nobre. Aos que persistirem na leitura aviso: como a estória me foi contada por um profeta suas fontes eram divinas não sendo possível confirmá-las, pelo menos não nesse plano. Chega de “entretantos”, ele me contou o seguinte:

Há muito tempo, quando o tempo ainda não se contava o tempo, havia um Deus: Kinesiologos. Como todo bom Deus, ele se ocupava em criar o mundo. Tarefa difícil, modelos não existiam, tampouco o GOOGLE, de modo que ele só podia criar à sua imagem e semelhança. Kinesiologos, cabe dizer, não era o único deus, havia outros, cada qual ocupado em criar o seu mundo, as suas criaturas e coisas, suas belas e feras. Alguns deuses eram mais prestigiados do que outros. O Kinesiologos, devo dizer, não figurava entre os melhores do ranking dos deuses do universo (sim: já haviam rankings). Kinesiologos era humilde e “jogava” para estar no time titular, e às suas regras ele se submetia sem muita contestação. Mas sua preocupação não era só criar um mundo, mas criar algo único, algo só dele. Entre uma e outra tentativa, Ele chegou àquela que seria a sua obra prima. Entusiasmado, resolveu chamar até si sua equipe de deuses. Kinesiologos era, vamos dizer assim, um Deus moderno. Tinha uma equipe de deuses, nenhum se equiparava a Ele em grandeza, mas cada um de sua equipe tinha um superpoder: os biomecânicos, os bioquímicos do exercício, os fisiologistas do exercício, havia um grupo que se autodenominava do comportamento motor composto pelos do controle motor, a maioria, os da aprendizagem motora, vários, e os do desenvolvimento motor, uma minoria. E havia ainda os psicólogos do esporte e do exercício (esse grupo tinha até carteirinha de psicólogo, sem ela o exercício de superpoderes era vetado), os antropólogos do jogo, e os sociólogos do esporte. Esse era o time que o Deus Kinesiologos reuniu diante de si, e em tom solene anunciou:

- Meus caros PhDeuses...Eu vos chamei aqui para contemplarem a minha mais nova e melhor criação. Num gesto, da palma de sua mão direita, surgiu um holograma, saudado com suspiros por todos.

O Deus Kinesiologos continuou:

- Vos apresento o Ser Humano em Movimento...olhem bem para ele, para essa criatura feita à minha imagem e semelhança.

Cheios de admiração, os PhDeuses se deleitaram apreciando a criatura. O Kinesiologos prosseguia:

- Meus caros, mirem bem para ele, a vossa tarefa será revelar ao mundo as maravilhas do Ser humano em Movimento. Mas não fareis isso de maneira trivial. Eu vos digo o que quero. Cada um de vós deverá usar de seus superpoderes para construir uma peça para formar um quebra-cabeça o qual, quando montado, desvelará os mistérios e os segredos desta criatura.

⁵ Elizabeth Bressan, uma professora universitária norte americana, num artigo publicado na revista *Quest* (Bressan, 1979) manifestou sua preocupação com o crescente uso do termo cinesiologia em substituição ao de educação física, com todas as implicações que isso acarretava no entendimento do campo acadêmico até então tratado como educação física.

Vão meus filhos para seus laboratórios e grupos, usem sabiamente seus superpoderes na geração da sua peça. Retornem daqui a trinta luas. Vão em paz, estarei sempre ao vosso lado.

De posse dessa divina incumbência, os PhDeuses se retiraram para seus grupos de estudo e laboratórios. Mas suas salas não tinham janelas somente portas sempre fechadas. Os PhDeuses não se falavam, quando muito alguns deles trocavam bilhetes passando-os por debaixo da porta ou por e-mail. Imagine: fazer peças de um quebra-cabeça sem que um converse com o outro sobre o conjunto das peças.

Trintas luas depois, o Deus Kinesiologos aguardava ansioso sua equipe de deuses no ginásio poliesportivo. Súbito, eles foram surgindo, todos garbosos com suas peças para encontrarem com seu Deus e líder. Primeiro, vieram os fisiologistas, corrijo, primeiro, os biomecânicos, eles sempre querem estar à frente, e traziam uma peça enorme sendo puxada numa plataforma de força. Em seguida, os bioquímicos não traziam uma peça mas um caderno onde se podia ler na capa “Código genético”. Os fisiologistas traziam uma lâmina, dessas de laboratório, e um microscópio eletrônico já que, segundo eles, só com esse instrumento se poderia ver a peça que construíram. Os PhDeuses do comportamento motor claramente não entraram em acordo, cada um trazia uma peça, os do controle motor uma peça enorme (equivalia à dos biomecânicos), os da aprendizagem motora traziam uma peça menor, mas igualmente vistosa, e os do desenvolvimento motor vinham com uma peça pequena para não dizer tímida. E vieram todos, os psicólogos do esporte e do exercício, cuja peça tinha até certificado do Conselho Regional de Psicologia, os antropólogos do jogo com sua peça acompanhada de apetrechos, de uma peteca até um *boumerang* e os sociólogos do esporte que, diga-se de passagem, traziam uma peça monumental. Reuniram-se no centro do ginásio e lá dispuseram suas peças para montar o quebra-cabeça sob o olhar atento do Kinesiologos. Mas as peças simplesmente não se encaixavam. Eles mudavam de posição, giravam daqui e dali, nada. A incongruência entre as peças era evidente e logo contaminou os construtores. Inicialmente, houve uma discussão acadêmica sobre incomensurabilidade dos princípios que norteariam a confecção de cada peça, mas esta logo cedeu lugar à troca de insultos entre os PhDeuses. Cada um dizia que a sua peça estava de acordo com a concepção divina do Kinesiologos, as peças dos outros é que estavam equivocadas. Uns acusavam os outros de não terem sido capazes de apreender toda a essência e maravilha da criação do Kinesiologos. O bate-boca ecoava por todo o ginásio e arredores.

A discussão era em alto nível, ou melhor, em altos brados. O PhDeus da sociologia do esporte arremessou sua peça em direção aos bioquímicos do exercício. O PhDeus da fisiologia do exercício simplesmente ignorou os argumentos do PhDeus do controle motor sob a justificativa de que ele não daria ouvidos para alguém cujo Lattes era muito inferior ao dele, afirmação prontamente refutada pelo PhDeus do controle motor ao puxar instantaneamente em seu tablete uma planilha que comparava os índices *h* de cada um deles com grande vantagem para o segundo. Após uma discussão sobre se a peça devia ser fruto da cultura ou dos genes, o PhDeus do desenvolvimento motor tentou sufocar o PhDeus da antropologia do jogo com um cabo de internet. Nesse momento, um grupo de PhDeuses notou que o Kinesiologos perdera o interesse e estava num canto do ginásio. Eles foram em sua direção e se aproximarem notaram que Ele estava entretido lendo uma revista. Ao se acercarem de seu Deus constataram que foleava com muito gosto o último número da revista *Science*. Eles se entreolharam e gestualmente concordaram sobre o que fazer: um deles saltou à frente e se dirigiu ao Kinesiologos dizendo:

- Oh! Magnífico Deus todo poderoso, senhor do céu e da terra, viemos humildemente lhe mostrar a nossa peça, a peça definitiva, a peça que dá conta de tudo quanto é a tua formosa criatura: o Ser humano em Movimento. Com ela não há necessidade de outras, ela se basta. O Kinesiologos interrompeu brevemente sua leitura para olhar a peça mas logo retomou a leitura. O autoproclamado líder do grupo continuou:

- Oh! Todo Poderoso olhai está peça feita à tua imagem e semelhança. Mire! Ela já está no formato para ser publicada aí, nessa revista! Ao som dessa frase, Kinesiologos franziu sua testa, olhou detidamente para a tal peça. Olhou uma vez mais para a revista Science e de novo para a peça, e também para o grupo de PhDeuses, então ávidos por ouvir sua reação. Num instante de reflexão, deu um sorriso amistoso, levantou-se e juntamente com os biodinâmicos deixou o ginásio. E assim se constituiu academicamente a Educação Física.

Não se sabe se essa história é verdadeira. Há relatos, alguns confirmados, de que é possível, ainda hoje, encontrar peças perdidas do tal quebra-cabeça pelos corredores dos programas de pós-graduação da Área de Educação Física pelo mundo afora.

Kinesiologos e a Cinesiologia: as origens e as consequências

Thomas Kuhn (1982) já se referiu à atividade científica como a montagem de um quebra-cabeça. Nessa concepção, caberia ao iniciante ou estudante conhecer a lógica com que sua comunidade científica constrói as peças e as encaixa. Essa lógica pode ser entendida na linguagem de Kuhn como um paradigma. Talvez, os nossos (Ph)deuses não conversam entre si, por não comungarem dos mesmos paradigmas, por não terem a mesma linguagem. Talvez, por isso, acreditem que suas pesquisas não fazem parte de um grande quebra-cabeças, mas resolvem sozinhas o quebra-cabeça, e autossuficientes, respondem a todas as demandas da Educação Física. Todavia, as raízes dos desentendimentos extrapolam questões de natureza epistemológica como sugerido numa análise da pós-graduação em Educação Física no Brasil (MANOEL & CARVALHO, 2011). Elas resultam de uma política científica que ignora especificidades de áreas tão distantes como as das ciências biológicas, das ciências humanas e sociais. Essa política alimenta e é alimentada por atitudes preconceituosas de indivíduos e grupos que dentro da universidade a utilizam para dar forma e alavancar seus projetos de poder.

Mas como está a Cinesiologia nos últimos tempos? Karl Newell foi um dos principais responsáveis pela popularização do termo “Kinesiology” como descritor do campo acadêmico em seus artigos no início na década de 1990 (NEWELL, 1990a,b). Ele preconizou que os departamentos de Educação Física deveriam mudar sua denominação para Cinesiologia. Em 2007, ele fez uma análise dos impactos que essa passagem trouxe para a estrutura acadêmica-administrativa do campo na universidade. Newell (2007) identificou cinco principais impactos:

1. Os docentes contratados para atuarem na universidade não tinham preparação formal como licenciados em Educação Física ou mesmo titulação em Cinesiologia. Esses docentes passaram a vir de áreas distintas, da Física à Psicologia, por exemplo;
2. A preparação profissional (em Educação Física) tornou-se subsidiária de uma área mais prestigiosa (Cinesiologia) pelo enfoque na pesquisa que se tornou o objeto principal da formação (para pesquisa), em alguns casos a preparação profissional deixou de ser realizada⁶;
3. Ênfase crescente na pesquisa e bem como uma maior pressão para obtenção de fomento externo para ela;
4. Os docentes de departamentos de Cinesiologia buscam parcerias acadêmicas em outros campos de estudo vinculados a áreas tradicionais da ciência, vinculando-se a elas, como consequência sua vinculação com a Educação Física se torna tênue;
5. As agendas de pesquisa das subáreas da Cinesiologia vinculam-se às das áreas tradicionais afins, e novamente com maior distanciamento da Educação Física.

⁶ Rink (2007) mostrou que a Cinesiologia tornou-se um curso básico sem relação a uma profissão. Rink indica que estudantes com interesse na Educação Física geralmente não optam por Cinesiologia como curso básico para cursarem nos *Colleges*, mas para os de Fisioterapia a Cinesiologia tem se tornado popular como curso básico.

No Brasil, a denominação Educação Física foi mantida em departamentos e faculdades mas na denominação dos programas de pós-graduação descritores como Ciência(s) da Atividade Física, do Movimento Humano, entre outras, tem se tornado mais comum. É nos programas de pós-graduação que vemos em curso a diversificação e quase fragmentação do conhecimento como mostra os levantamentos de Furtado e Naman (2014) e a análise de Kunz (2014). Nada disso escapa ao que Bracht (2006) apontou em sua radiografia do campo quando da realização do primeiro Fórum Permanente de Pós-Graduação no CBCE a partir da qual ele propunha a desvinculação da Educação Física da atual Área 21. Cabe lembrar que ao propor formalmente a denominação “Cinesiologia” em substituição ao termo “Educação Física”, Tani (1996) argumentou em favor de uma estrutura organizacional com Cinesiologia, de um lado, e Educação Física/Esporte, de outro. Seria uma forma de garantir um espaço acadêmico para tratar das questões pertinentes à Educação Física e o Esporte. Tani entendia que a Cinesiologia seria um campo básico, isto é, sem orientação profissional. Todavia, ao diferenciar as duas áreas, foi como coloca-las na balança, onde escala é o número de artigos (em periódicos de “impacto”) e assim o pêndulo e todos os ventos são favoráveis à Cinesiologia.

O interesse pelo estudo do movimento humano – objeto de estudo da Cinesiologia – é antigo com várias referências a ele em diversos campos tradicionais da ciência como Física, Biologia e Psicologia. Ou seja, o movimento humano enquanto objeto de estudo não é exclusividade de um campo específico como muitas vezes nos fazem crer os proponentes da Cinesiologia. Bouchard *et al.* (1992) chamaram atenção para isso ao argumentar que a atividade física é de grande interesse teórico e prático e como tal ela tende cada vez mais a chamar atenção de outros pesquisadores e profissionais. O alerta desses autores é o de que se nós, originários da Educação Física, não demonstrarmos competência e capacidade produtiva para investigar e atuar com tal objeto outros o farão, pois no que concerne ao conhecimento científico e tecnológico o que conta não são as delimitações e restrições corporativas estabelecidas por profissões com seus estatutos e conselhos mas sim a excelência acadêmica traduzida em conhecimento produzido com rigor acadêmico, reconhecido por uma comunidade acadêmica de respeito, e também pelo impacto que tal conhecimento tem no desenvolvimento de tecnologias e, em última instância, sua relevância responder ao que pede a sociedade. Por esse motivo, é preciso destacar que “movimento disciplinar”⁷ ocorrido nos Estados Unidos nos anos 1960 e 1970 ocorreu em resposta ao questionamento que se fazia sobre a pertinência e o status (acadêmico) da Educação Física para fazer parte do rol de áreas acadêmicas que compunham o sistema universitário americano (*cf.* HENRY, 1964, 1978; PARK, 1994). Ou seja, ele não ocorreu como uma nova corrente de pensamento acadêmico sobre um objeto ainda não reconhecido pela comunidade. O motivo principal foi a sobrevivência da Educação Física como curso de nível superior na então estrutura acadêmica-administrativa do sistema universitário norte-americano.

A Cinesiologia (além de outros descritores) veio para responder uma questão de gestão acadêmica da estrutura universitária, e talvez por isso padeça de rigor epistemológico. Com raras exceções se veem discussões sobre o estatuto epistemológico do campo (*cf.* ALMEIDA, BRACHT & VAZ, 2012; BRACHT, 2000; LOVISOLO, 1996). A constante referência à Cinesiologia como um campo trans-disciplinar indica um estágio de desenvolvimento de uma área que teria passado por uma etapa disciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar (*cf.* HOFF *et al.*, 2007) o que de fato nunca ocorreu. A denominação sugeriria também um campo uníssono sem subdivisões ou sub-áreas cujo enfoque seria um objeto de reconhecida complexidade organizada (*cf.* MILLER, 1978). Esse novo campo demanda uma nova

⁷ Tornar a Educação Física numa disciplina acadêmica.

linguagem para alinhar conhecimentos advindos de diferentes disciplinas consideradas pertinentes e importantes para a compreensão de um problema complexo. Esse foi o ideal da Teoria Geral dos Sistemas (BERTALANFFY, 1967): elaborar um arcabouço teórico para tratar de sistemas complexos independentemente de sua natureza. Outra implicação para esse campo seria o desenvolvimento metodológico com ferramentas simbólicas para investigar o fenômeno caracterizado por problemas complexos (cf. MANOEL, 1986; 1999). A Cinesiologia nunca passou por tal processo. Talvez porque a preocupação do “Kinesiologos” foi a de ter sob seu guarda-chuva um conjunto de subáreas originárias que pagam tributo aos campos tradicionais. Por esse motivo, como mostrou Newell (2007), a agenda das subáreas seguiu e segue as indicações desses campos. O Kinesiologos age como um vigilante para garantir que as subáreas (seus PhDeuses) sejam fieis aos interesses dos campos tradicionais aos quais ele se rende e se fascina. É como se a Cinesiologia funcionasse como uma barriga de aluguel – espaço onde se faz pesquisa para atender necessidades de áreas tradicionais, onde se forma estudantes que irão cumprir estudos de interesse para outros campos.

O fascínio exercido pelo Kinesiologos fez muitos esquecerem suas origens num campo de intervenção social como é a Educação Física. Todavia, muitos de nós ao enveredarmos pelas subáreas sob égide do Kinesiologos, ou por áreas tradicionais da ciências naturais e humanas, perdemos de vista o que é a Educação Física. Diante do espelho cabe a pergunta: o que somos? Haja vista que não somos fisiologistas ou biólogo experimentais, nem somos psicólogos ou neurocientistas, ou ainda antropólogos ou sociólogos. Mas se não somos nada disso, ao afirmarmos o que não somos, estaríamos definindo o que somos? De concreto, estamos na universidade, e ela espera de nós uma resposta não só às demandas da sociedade, mas t às demandas do *ethos academicus* que historicamente compôs a universidade moderna. Ela nos cobra um determinado agir científico, um determinada racionalidade com pouco espaço para aceitar outras formas de conhecer como as que seriam mais fieis e justas com o campo da Educação Física (vide propostas de BRACHT e LOVISOLO, já citados e também BETTI, 1996).

Pessoalmente, me pergunto com frequência sobre o que sou? Sou um “psicólogo do desenvolvimento humano”, um “neurocientista” ou sou um professor de Educação Física? Ou ainda um técnico de Atletismo? Do ponto de vista da expectativa que a sociedade tem a meu respeito, ela espera que eu desempenhe, e bem, o meu papel de profissional da Educação Física. Se a sociedade quiser um psicólogo ou neurocientista ela irá busca-lo no Instituto de Psicologia ou de Neurociências. Mas no meu agir como professor ou técnico eu sinto a necessidade de um olhar da psicologia, das neurociências. Dessa forma, cruzo a fronteira da Educação Física para a Psicologia, o que me possibilita uma visão ampliada do que faço na quadra, na sala, no ginásio. Acontece que nesse ir e vir, acabo me transformando em tanta coisa e me vejo novamente sendo algo que não sou, ou que pelo menos a comunidade profissional a que me vinculo não espera de mim. Se olharmos para o Sistema Nacional de Pós-Graduação, para a área básica Educação Física, veremos que a saga em definir quem somos continua. Mas é preciso por a lume o rigor que nos falta em nossas definições, delimitações, e atos de demarcação de campos de conhecimento.. As vezes me reinvento dizendo para mim mesmo que estudo o desenvolvimento humano e a cognição relativa ao corpo com um “sentido de uso” delimitado por um espaço social que se denomina Educação Física/Esporte. Todavia, essa “definição” negligencia ou simplifica o que chamo de “uso” pois é como se o conhecimento de epigênese probabilística (do desenvolvimento humano) ou da cognição encarnada (das neurociências) resolvessem por si só os processos de tomada de decisão e de ação que compreendem a elaboração e implementação de um programa de educação física escolar ou da preparação esportiva. Tais processos podem se beneficiar desses conhecimentos, mas não dependem dele. Por outro lado, dando ao “uso”, à “prática” as vestes da ciência (aquela que o *establishment* da universidade valoriza) nós a transformamos em

outra coisa – por exemplo, a prática corporal de caminhada se torna o exercício crônico, variável independente, na investigação de receptores adrenérgicos na regulação do músculo cardíaco. Saímos do nosso campo de ação para adentrar a outros, mais valorizados, ou assim nos faz crer o Kinesiologistas.

Ao refletir sobre tudo isso, não tenho como não pensar na personagem Alice de Lewis Carroll. Alice que em suas aventuras seguiu um coelho com um relógio, encolheu, espichou, fugiu da própria decapitação pelos soldados de paus da rainha, se vê diante da Lagarta que lhe lança um olhar inquisitivo e pergunta:

Quem é você?

Eu – Eu já não sei Senhor, talvez agora – pelo menos eu sabia quem eu era (grifo do autor) quando acordei essa manhã, mas eu já mudei tanto desde então. Respondeu Alice.

O que você quer dizer com isso? Retruca a Lagarta seriamente e completa: Explique-se!

Eu não posso explicar a mim mesma sinto muito Senhor, diz Alice e adiciona: Porque eu não sou mais eu mesma, percebe?

(CARROLL, 1965, p. 50)

Post Scriptum

Para discutir o problema do conhecimento em áreas que como a Educação Física necessitam trilhar por várias disciplinas, o Prof. Armino José Longhi da Universidade Estadual do Paraná construiu uma argumentação tendo como eixo a noção de fronteira⁸. A fronteira ao demarcar territórios cria, segundo ele, de forma ambígua, um espaço que existe e não existe ao mesmo tempo. É um não território, um espaço que não está nem lá e nem cá. Ele ilustrou esse paradoxo com a citação do filme “O Terminal”⁹. Nele, o personagem central é um cidadão de um país fictício do leste europeu que viaja para os Estados Unidos mas se vê preso no setor de imigração do aeroporto JFK de Nova York pois, ao ali chegar, descobre que houve um golpe de estado em seu país e como resultado seu passaporte perdeu a validade pois o estado norte-americano não reconheceu a legitimidade do governo revolucionário. O resultado é que tecnicamente seu país deixou de existir e seu passaporte não tinha mais efeito. Ele se torna um “não cidadão”, sem poder entrar nos Estados Unidos ou voltar para um país que “não mais existe”. O personagem se vê num limbo, uma fronteira, ainda que simbólica, de algo que é, mas não é. Talvez nós da Educação Física, com muito mais frequência do que imaginamos (e gostaríamos) nos achamos (ou nos perdemos) nas fronteiras entre territórios, por tantas vezes cruzá-las em busca de um “saber” que acreditamos ser fidedigno e rigoroso do ponto de vista epistêmico. Muitos se aventuram por essas paragens fascinados pelo Deus Kinesiologistas com seu manto dourado da ciência e seus cânticos de uma terra prometida para os que provarem seu valor no estudo do movimento humano. O fato é que de uma forma ou de outra acabamos ficando sem território. Muitos vão assumir a cidadania de um país reconhecido, uma área acadêmica valorizada ainda que distante da Educação Física. Outros,

⁸ Conferência de Abertura: "Fronteiras do conhecimento e revoluções epistemológicas" no VI Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte promovido pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, em 19 de agosto de 2015. <http://cipeuem2015.wix.com/cipe>

⁹ Produção norte-americana de 2004 dirigida por Steven Spielberg .

na busca da terra prometida, irmão, as vezes sem perceber, vaguear por essas fronteiras, elas próprias um território que não é.

Agradecimentos. Ao Valter Bracht pelo incentivo em transformar um conto num texto ainda que ele duvidasse se o *Kinesiologos* permitiria sua publicação. Aos estudantes de graduação e pós-graduação de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina, do CEFID da Universidade do Estado de Santa Catarina e da EEFE da Universidade de São Paulo e aos terapeutas ocupacionais participantes do Seminário Nacional de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, promovido pela UFSCar em 2009. Suas reações, comentários e críticas à narração dessa estória contribuíram para torná-la menos incompreensível. Destaco que todos os equívocos existentes no texto são de minha inteira responsabilidade e que eventuais associações entre as personagens e os fatos aqui narrados com pessoas e eventos reais são mera coincidência.

THE MYTH OF *KINESIOLOGOS* OR ABOUT THE MAKING OF PHYSICAL EDUCATION AS SCIENCE

Abstract

The path by which physical education became a science is the subject of the present essay. The reasoning adopted followed a choice was made to employ a fictional language in which the central figure is the *Kinesiologos*, a divine entity occupied in unveiling his principal creation: the moving human being. The notion of myth was used to show, as a counterpoint to a rational and academic language, that Kinesiology leads to the fragmentation of knowledge and making the academic field distant from what matters to Physical Education.

Key-words: physical education, kinesiology, academic discipline, profession.

EL MITO DE *KINESIOLOGOS* O LA CONSTITUCIÓN DE LA EDUCACIÓN FÍSICA COMO UNA CIENCIA

Resumen

La constitución de la educación física como una ciencia es de objeto del presente ensayo. Se optó por el uso de un lenguaje de ficción cuya figura central es el *Kinesiólogos*, una entidad divina que trabaja para desentrañar su creación principal: el ser humano en movimiento. El uso de la noción de mito tenía el propósito de mostrar, en un contrapunto al lenguaje racional y académico, la Kinesiología conduce a la fragmentación del conocimiento, lejos de los problemas y las cuestiones de la Educación Física.

Palabras-claves: educación física, kinesiología, disciplina académica, profesión.

Referências

ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V. & VAZ, A. Classificações epistemológicas na educação física: redescrições... **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n.04, p.241-263, 2012.

BERTALANFFY, L. von (1968). **General systems theory**. New York: George Braziller, 1968.

BETTI, M. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.3, p.73-127, 1996.

BOUCHARD, C.; McPHERSON, B. D. & TAYLOR, A. W. (eds.). **Physical activity sciences**. Champaign: Human Kinetics, 1992.

BRACHT, V. Por uma política científica para a educação física com ênfase na pós-graduação. In: **Fórum Nacional Permanente de Pós-Graduação em Educação Física**, 2006, Campinas. <<http://www.cbce.org.br/br/acontece/materia.asp?id=312>> Acesso em 15 de setembro de 2015.

BRACHT, V. Educação física & ciência: Cenas de um casamento (infeliz). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 1, p. 53-63, 2000.

BRESSAN, E. 2001: The profession is dead – Was it murder or suicide? **Quest**, v. 31, n.1, p. 77-82, 1979.

CARROLL, L. Alice's adventures in wonderland. In **The works of Lewis Carroll**. Londres: Paul Hamlyn, Ltd., 1965.

CARVALHO, Y. M. Mito. In F. González & P. E. Fensterseifer (orgs.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FURTADO, H. L.; NAMAN, M. Formação do pesquisador em educação física: Análises epistemológicas. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 3, p. 751-765, 2014.

HENRY, F. Physical education: an academic discipline. **Journal of Health, Physical Education & Recreation**, v. 35, p. 32-33, 1964.

HENRY, F. The academic discipline of physical education. **Quest**, v. 29:13-29, 1978.

HOFF, D. N.; DEWES, H.; RATHMANN, R.; BRUCH, K. L. & PADULA, A. D. Os desafios da pesquisa e ensino interdisciplinares. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v.4, n.7, p. 42-65, 2007.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

KUNZ, E. Pós-graduação em educação física no Brasil: O fenômeno da hiperprodutividade e formação cultural. **Kinesis**, v. 30, n.1, p. 1-13, 2014.

LOVISOLO, H. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.3, p.51-72, 1996.

MANOEL, E. de J. Movimento humano: considerações acerca do objeto de estudo da educação física. **Boletim da Federação Internacional da Educação Física**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 33-39, 1986.

MANOEL, E. de J. A dinâmica do estudo e da promoção da atividade motora humana: Transição de fase na EEFÉ-USP? **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.13, n.1, p.103-118, 1999.

MANOEL, E. de J. & CARVALHO, Y. M. Graduate studies in brazilian physical education: a (fatal) attraction to biodynamics. **Educação & Pesquisa**, v. 37, n.2, p. 389-405, 2011.

MILLER, J. G. **Living systems**. New York: McGraw-Hill, 1978.

NEWELL, K. M. Kinesiology: Challenges of multiple agendas. **Quest**, v. 59, p. 5-24, 2007.

NEWELL, K. M. Kinesiology: The label for the study of physical activity in higher education. **Quest**, v. 42, p. 269-278, 1990a.

NEWELL, K. M. Physical education in higher education: Chaos out of order. **Quest**, v. 42, p. 269-278, 1990b.

PARK, R. A long and productive career: Franklin M. Henry – scientist, mentor, pioneer. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 65, p. 295-307, 1994.

PESSOA, F. **Mensagem**. Clássicos Abril Coleções. São Paulo: Abril, 2010.

RINK, J. What knowledge is of most worth? Perspectives on Kinesiology from Pedagogy. **Quest**, v.59, p. 100-110, 2007.

RIVERO, A. J. (ed.). **Jonathan Swift's Gulliver's travels: based on the 1726 text: contexts, criticism**. New York: W.W.Norton & Company, 2002.

SWIFT, J. **A tale of a tub and other works**. Oxford, Oxford University Press, 2008 (original de 1704).

TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 9-50,1996.

ULRICH, B. Bridging kinesiology and society: Introduction. **Quest**, v.63, p. 1-4, 2011.

.....
Recebido em: 20/01/2016

Revisado em: 28/01/2016

Aprovado em: 15/02/2016

Endereço para correspondência:

ejmanoel@usp.br

Edison de Jesus Manoel

Universidade de São Paulo

Escola de Educação Física e Esporte da USP

Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano.

Av. Prof. Mello Moraes, 65

Butantã

05508-900 - Sao Paulo, SP - Brasil